



100% escrito por humano.

Não permitida a utilização para treinamento de IA.

HERÓIS TROPICAIS

A barbatana de tubarão

Livro 2

E.A. Braga

www.heroistropicais.com.br

“Verdade é que, se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo?”

Machado de Assis

Dedico esta obra ao pequenino ser
que me mostrou o que é realmente amar.

Gael, um presente do universo.

Capítulo I

Já era noite quando o acampamento foi montado. Sobre uma colina, alguns homens ficaram de guarda. A lua estava alta, era minguante. Bem ao longe duas fumaças subiam, a primeira ao sul e a outra à oeste. O rio estava perto, mas era melhor manter distância. A coruja piou. Eles resolveram não acender a fogueira, a noite não estava muito clara e na atual situação seriam um alvo fácil. No alto de uma grande árvore um homem controlava o perímetro, a mata era bem fechada e somente as margens do rio eram descampadas. Os soldados restantes se arrumaram da melhor forma que podiam, a bóia era fria, bem como a noite. A coruja piou. Exaustos, o bando logo desfaleceu. A coruja piou mais uma vez. A tranquilidade adentrou à noite e a lua passeou pelo firmamento. As brasas dos poucos cigarros tornaram-se visíveis em pontos estratégicos do acampamento. O homem do alto da árvore cochilou, sonhava com carnes e verduras frescas, linho, mulheres, perfumes e bocas. Como que por um chamado ele despertou de seus devaneios e viu a floresta se movendo. Olhou para todos os lados e captou o movimento da mata, seu coração acelerou e sua respiração tornou-se ofegante, com os olhos esbugalhados o cérebro captou a informação transmitida por todos os sentidos; tomado por um pavor igual ou superior a visão da morte ele gritou, mas não eram palavras e sim um longo e irreconhecível som. Como que em um eco, milhares de vozes responderam, era um ataque. Os soldados do acampamento levantaram-se de imediato e, por instinto, procuraram suas armas, agruparam-se da melhor forma possível, o efeito surpresa os tinha pego. O líder gritou em vão, eram poucos portugueses contra milhares de índios. Um jovem recruta conseguiu esconder-se entre dois troncos caídos e assistiu ao espetáculo, ou melhor, ao massacre. Em questão de minutos toda a tropa portuguesa foi dizimada. Os vencedores

vasculharam os pertences dos mortos retirando armas e objetos que achavam úteis ou valiosos. Os índios feridos ou mortos foram levados bem como os corpos dos vencidos. O garoto escondido foi descoberto por um guerreiro já de idade avançada. Eles se olharam por algum tempo até que o velho pegou vagarosamente uma flecha e a encaixou na corda de seu arco, puxando-a até o limite extremo. O rapaz, sem tirar os olhos do índio, piscou e realizou uma curta inspiração, foi a sua última.

Capítulo II

O sol já estava em seu ápice quando Pé-de-Onça chegou à aldeia. Após alguns dias de viagem tinha chegado ao seu destino. O índio adentrou o pátio e parou, olhou em todas as direções e não avistou viva alma. Desértico e silencioso, eis o mistério. Ele andou pelas ocas e reparou sangue em vários locais, mas e os corpos? Nenhuma mulher, criança ou velho; nada. O local não apresentava sinais de luta e Pé-de-Onça sabia que somente um grupo tinha condições de exterminar uma tribo inteira desta maneira. Era hora de retornar para a sua aldeia e rápido. O índio se dirigiu para a distância que veio e começou a correr, em sua cabeça traçou a rota mais direta e rápida. Sabia que passaria por lugares perigosos e proibidos, porém ganharia várias luas e o percurso de dez dias seria feito, no máximo, em três. Pé-de-Onça eram também conhecido em algumas aldeias como Flecha-Esguia, devido a rapidez de suas pernas, era o mensageiro de sua tribo, um indivíduo destinado a levar e trazer notícias e objetos entre as tribos. A primeira alcunha, da qual era mais conhecido, devia-se ao fato de fazer com que suas pegadas se assemelhassem às do animal que era denominado. Flecha estava na flor da idade, não tinha completado vinte verões, era alto, magro, de rosto comprido, olhos negros,

lábios carnudos, mãos grandes e, acreditem, pés pequenos. Corria como o vento, era uma sombra que atravessava rapidamente a selva, mas devido a grande velocidade, fazia algum barulho; era um risco necessário. A noite se aproximava e a corrida adentrava-a. Os pássaros já se acomodavam em suas árvores realizando o concerto do fim de tarde quando a lua apareceu, ainda era minguante e pouco iluminava a floresta.

Capítulo 03 - Partida

O festejo só foi encerrado ao cair da noite. Manoel e Joaquim conversaram sobre a possibilidade de um novo ataque dos invasores e por isso os canhões seriam mantidos nos locais atuais. As bocas de fogo botaram fogo nos inimigos. Os aldeões os apilidaram de bota-fogo. Quando a lua veio iluminar a vila, grande parte dos participantes já tinham sido vencidos pelo cansaço. Foi uma noite calma e tranquila, mas com vigilância constante.

No dia seguinte poucos despertaram cedo e logo recomeçaram a limpeza da vila. As perdas de material humano foram mínimas, mas desta vez nenhuma construção havia ficado de pé. Grandes montanhas de entulho estavam espalhadas por toda a localidade de modo que mal se podia distinguir a rua do local onde existiam as construções. No meio da tarde a vida na aldeia já havia voltado a um ritmo quase normal e Manuel já tinha ordenado a preparação dos animais, provisões e materiais para a partida do grupo. Apesar do comandante ter sido avisado em sonho sobre a criança tentou persuadir Soró a deixá-la, mas foi em vão. Manuel sabia reconhecer um excelente soldado quando encontrava um e por isso não estava disposto a abrir mão deste importante reforço. Partiriam ao amanhecer do dia seguinte e por isso a urgência dos preparativos. Durante a ceia o comandante e o capitão trocaram os últimos agradecimentos.

- Eu, mais uma vez, queria lhe agradecer, Comandante – iniciou Joaquim – pelo excelente trabalho realizado com tão pouco.
- Mas a vitória não foi só minha já que a qualidade dos comandados e o terreno propício foram fundamental para a estratégia traçada e com isso a vitória.
- Estratégia perfeita.
- Obrigado, Capitão.
- Espero que tenhamos tudo para seu abastecimento, Comandante.
- Sim, Capitão, acredito que há o necessário. Bem, é hora de descansar pois amanhã começa uma nova viagem. Boa noite.

Manuel saiu e se dirigiu ao seu acampamento, dormia ao tempo por falta de teto. Na senzala estavam Itá, Shadá, Soró e Lokô junto aos escravos locais. Conversavam ao redor de uma fogueira. O céu estava limpo e a noite era acompanhada da sinfonia dos insetos. Um pedaço de parede os protegia do vento frio e comiam alimentos mandados por Manuel e Francisco, ao contrário dos demais.

- De que Capitão você é? Perguntou Shadá.
- De nenhum – respondeu secamente Soró.
- É livre? Insistiu.
- Sempre fui – rebateu.

Itá acompanhando tudo inquiriu.

- Filho seu?
- Não – respondeu rapidamente a negra e sem dar tempo para continuarem o interrogatório se levantou e afastou-se com o menino.

Os dois restantes se entreolharam e continuaram a comer. Não demorou muito e Manuel apareceu.

- Índio, vamos conversar.

Itá pôs sua tigela de lado, levantou-se e saiu da senzala seguindo o Comandante. Quando chegaram a uma distância que não podiam ser ouvidos pelos demais Manuel falou.

- A cidade dos índios fica longe?

- Sim, longe muito.

- Você já esteve lá?

Itá se lembrou das palavras do Mensageiro e disse.

- Não.

- Como então você sabe que é longe? Inquiriu o português desconfiado.

- Eu conhecer pajé estar cidade passado – respondeu prontamente.

Manuel percebeu que tinha um problema, um índio que os guiaria até a cidade dos seus sem saber o caminho. Mas o que mais lhe atormentava era o porquê da traição e não conseguiu guardar para si esta dúvida.

- E por que você trairia os seus?

-Eles atacar minha tribo. Matar minha tribo. Roubar futura mulher Itá.

O comandante sem se dar por satisfeito continuou.

- Como você sabe que foram eles?

- Eu conhecer ataque. Vi quando criança.

Minutos de silêncio e Manuel ponderou bastante. Era o que tinha por enquanto e tiraria o melhor proveito possível da situação para alcançar seu objetivo.

- Pela manhã partiremos, esteja pronto.

O índio acenou positivamente a cabeça e se retirou. O comandante voltou para seu acampamento e realizou algumas anotações em seu diário. A noite passou tranquila e serena.

Antes do sol nascer o grupo já estava de pe, Shadá e Francisco revisavam todo o carregamento. Eram dez animais, seis cavalos e quatro mulas.

Os três mais novos integrantes da comitiva tinham pouquíssimos pertences ao contrário da outra metade. A despedida foi simples, porém emocionante. Partiram em fila indiana, Manuel e Itá formavam o primeiro pelotão e eram seguidos de dois animais de carga. A seguir vinham Francisco e Shadá, mais três animais de carga e por fim Lokô e Soró em um única montaria.

A manhã foi passando e a distância da último povoado aumentava. O índio os dirigia para o norte e iam pelo caminho que o quarteto fez na vinda. Subiram o morro, ultrapassaram a falha e se dirigiram ao local onde haviam deixado os animais que foram atacados pelo grandes cães. Manuel ordenou o toque do apito durante todo o trajeto. A noite chegou e o líder preferiu continuar até agrande árvore onde tinham encontrado o índio por motivo de segurança. Chegaram ao local no meio da noite e montaram acampamento.

Na manhã seguinte ninguém despertou cedo. Itá cuidava do fogo, Shadá e Francisco dos animais e cargas, Soró preparou a refeição e Lokô adentrou na mata sozinho. Quando os adultos já estavam terminando o dejejum a criança apareceu com muitas frutas silvestres completando o banquete matutino. Sem perderem mais tempo partiram quando o astro rei estava em seu ponto mais alto no céu. A fila mantinha a disposição inicial e no início da noite chegaram à desembocadura do rio. A viagem à seco e a trilha aberta na ida garantiu maior velocidade de deslocamento da trupe. Naquela noite jantaram crustáceos. Apesar do vento constante era uma noite quente, a floresta retinham a umidade enquanto as areias quentes a dispersava. Lokô subiu em alguns coqueiros e conseguiu muitos frutos e ao redor do fogo os integrantes conversavam.

- Itá, não seria melhor seguirmos pela mata até a tribo? Perguntou Francisco.

- Não, mata andar devagar. Areia rápido.

- Mas teremos de andar mais – insistiu o português.

- Sim. Ter mais comida aqui. Andar rápido aqui. Longe perigo aqui - respondeu o índio.

- Que perigos? Entrou na conversa Manuel.

- Muitos. Muito cuidado ter.

- Tem outras coisas piores que os animais que enfrentamos no povoado? Insistiu

- Por exemplo... Pode não ser bom falar delas porque poderemos atraí-las!

Manuel olhou para Francisco e ambos deram uma longa gargalhada enquanto o índio continuava sério, e olhando para Soró perguntou.

- Terra sua ter bichos mau?

- Se tivesse eu teria matado todos. Respondeu olhando fixamente nos olhos de Itá.

- O comandante parece não acreditar que existam monstros e demônios – participou da conversa Shadá.

- Eu já viajei muito – começou o comandante – e até hoje nunca vi alguma coisa que não pudesse ser morta por ferro e fogo. Já atravessei muitos mares, enfrentei muitas tempestades e nunca vi nenhum destes seres que destroem navios. Estas entidades de histórias sobrenaturais são lendas criadas para por medo no povo ou para acobertar informações. O medo é o melhor disfarce pois transforma aliados dos inimigos em traidores, pessoas comuns em demônios. Uma guerra pode ser ganha só pelo medo. Deve-se sempre olhar os interesses dos poderosos em apoiar ou descartar o sobrenatural.

- Coisa olho não ver – interpôs Itá.

- E os lobisomens que enfrentamos? Insistiu Shadá.

- Não passavam de um imensa matilha de grandes lobos. Vocês – apontou para todo o grupo – viram a enorme quantidade de corpos sem vida que deixamos no local. Tudo realizado com o trabalho do aço e do fogo.

- É verdade e por isso um dia estas bestas deixarão de existir.

Todos simultaneamente olharam para um homem que sem ser percebido pela trupe apareceu próximo ao comandante. Ele só tinha uma das pernas e usava um gorro e um calção vermelho além de estar sem camisa. O próprio Manuel se assustou ao ouvir as palavras oriundas do visitante inesperado, mas ninguém se mexeu até que o portador do Selo Real quebrasse o gelo.

- Nós podemos ajudar o visitante? Perguntou o comandante encarando-o.

- Na verdade – deu uma pequena pausa e esboçou um sorriso malicioso – Eu é que pergunto se posso ajudá-los – completou olhando em volta.

Lokô logo veio para próximo do visitante que acariciou a cabeça do menino e Soró se encolheu olhando para a areia. Manuel rapidamente percebeu a relação e deu prosseguimento à conversa.

- Por que o amigo não se sinta conosco e compartilha o fogo?

- Obrigado – disse aceitando o convite e se aproximando aos pulos.

Por fim sentou-se entre Itá e Soró.

- O amigo tem nome? Perguntou Manuel.

- Não, seu moço.

- Então como lhe chamamos?

- Amigo, me chamam de Amigo, seu moço – respondeu abrindo um largo sorriso e mostrando todos os dentes extremamente brancos.

Soró pegou uma pequena bolsa que carregava com consigo, abriu-a e retirou um pouco de fumo que entregou ao visitante. Ele o recebeu, fez um longo e vagaroso gesto com a cabeça em sinal de agradecimento. Levantou o gorro e retirou um pequeno cachimbo feito de sabugo de milho, pôs o fumo e inspirou pela haste do objeto por um curto período até que uma pequena brasa saltou da fogueira e acendeu o instrumento. Todos, sem exceção, se entreolharam. O comandante sem exprimir qualquer reação continuou.

- O Amigo está com fome?

O visitante deu um longo trago antes de responde.

- Não, mas muito obrigado por oferecer. Na verdade eu vim até aqui para trazer um recado – respondeu fazendo uma pausa e gerando suspense.

Manuel a par do jogo continuou.

- Um recado de quem?

- Meu – respondeu prontamente.

Mais uma vez o visitante deu um longo trago seguido de uma preguiçosa baforada antes de prosseguir.

- Há pessoas que acreditam sem terem provas. Outras acreditam ao tê-las. Outras nem com essas se convencem. Qualquer se seja o caminho tomado as dificuldades serão as mesmas. O sumiço de um ou outro fará a divisão em prol do bem comum. O unido se separa e o separado se une, eis a ordem do mundo. Os opostos são irmãos e caminham de mãos dadas, mas os iguais se separam, transformam-se e se tornando opostos, eis a ordem do mundo. A dificuldade é a união, a união é a fraqueza e a fraqueza é força. O fim é único, mas os objetivos são diferentes, eis a ordem do mundo. O êxito ou o fracasso da busca só depende dos integrantes do grupo e quase nada mais. Eis o recado que trago a vocês.

Todos se entreolharam e ao retornar os olhos para o visitante ele já não estava mais lá pois havia desaparecido. Procuraram em volta, mas não o encontraram pois ele partiu da mesma forma que chegou. Soró só confirmou para os olhos incrédulos dos companheiros.

- Ele se foi.

Francisco confuso perguntou.

- Quem é ele? O que é ele?

Soró de prontidão respondeu.

- Um amigo, como ele disse. É melhor guardarmos o recado trazido por ele pois certamente será útil mais tarde.
- Para onde ele foi? Perguntou Manuel.
- Não sei – respondeu a guerreira – ele sempre vem e vai assim – completou.
- Podemos confiar nele? Inquiriu Francisco.
- Completamente.

Após um pequeno intervalo em silêncio o comandante falou.

- Bem... É melhor descansarmos pois ainda temos um longo percurso pela frente. Soró, o primeiro turno de vigia é seu.

O grupo se aprontou para dormir. A noite passou tranquila e despertaram aos primeiros raios do astro rei. Seguiram viagem após uma rápida refeição. Cavalgaram todo o dia sob um sol muito forte. As pegadas da trupe eram apagadas pelas pequenas ondas. Próximo ao meio do dia já caminhavam longe da água sob as sombras das árvores no limite da selva. No final da tarde retornaram para a região banhada pelo mar. Com a chegada da mãe lua fizeram a habitual parada, foi uma noite típica. Manuel utilizou mais uma vez o astrolábio e realizou a conferência com sua tecnologia oriental. Pegou seu mapa e consultou Itá.

- Índio, amanhã para onde seguiremos?

Itá apontou para noroeste e completou.

- Lá nós vamos, ficar perto do morro do peixe comedor de homem.
- São quantos dias de viagem até a aldeia? Perguntou Francisco.
- Dois dias.

O comandante se afastou e deixou seu conterrâneo conversando com o nativo, abriu seu diário e fez algumas anotações. Após a alimentação noturna o grupo se recolheu.

O sol já estava bem alto quando a trupe alcançou uma pequena clareira. A manhã quase toda foi utilizada adentrando na floresta com grande dificuldade e lentidão. Decidiram fazer uma pausa para a segunda refeição do dia. Ventava bastante e parecia anunciar a mudança de tempo. Shadá fazia a comida e Soró cuidava dos animais, Lokô havia ido buscar frutas silvestres, Itá trazia água, Francisco apanhava lenha e Manuel fazia uma avaliação do perímetro do acampamento. Os dias os havia transformados em uma equipe e assim agiam. Quando se reuniram para comer foi Francisco que escutou.

- Que barulho é esse?

Lokô ainda não havia retornado e os integrantes presentes fizeram silêncio para também tentarem ouvir. Após um curto período de tempo foi o compatriota que respondeu.

- Não ouço nada.

- Parecia o ronco de uma animal – acrescentou Francisco.

Shadá concordou com o comandante.

- Também não escutei nada.

Mas Itá não estava tão certo.

- Som baixo. Muito tempo não escutar som esse.

Com a chegada do garoto trazendo as frutas a atenção se dispersou e foi iniciado o almoço. Itá deixou o grupo e saiu para uma exploração nas redondezas. Caminhou durante algum tempo até um pequeno rio nas proximidades. Tentava se lembrar que som era aquele, porém por mais que tentasse não conseguia. Sentou-se em uma pedra e ficou olhando o deslizar de um filete de água. Estava concentrado em sua busca quando notou alguém se aproximar. Achou que era Manuel, mas ao virar-se encontrou um homem branco, alto, de meia idade, de barbas e cabelos loiros, olhos claros, de roupa branca e descalço que lhe falou.

- Vocês correm perigo, o Aho Aho ronda o acampamento. Ele ainda não os localizou, mas este momento não tardará mais. Corram e saiam rápido daqui!

Itá o reconheceu era Sumé. O barulho de animal era da fera Aho Aho. Tinha que ser rápido. O índio nem agradeceu e saiu correndo para o acampamento. Ao chegar Francisco foi o primeiro a perguntar.

- Que houve, Itá?

O índio respondeu de modo que todos pudessem ouvir.

- Nós correr perigo. Partir agora!

Itá se aproximou de Manuel, segurou-o pelo braço e disse preocupado.

- Nós ir agora. Não poder ficar. Nós ser atacado!

E o comandante rapidamente deu as ordens.

- Arrumem as coisas! Partiremos imediatamente!

Mas não houve tempo pois de trás de uma imensa touceira de bambu saiu imenso animal peludo, de cor escura e semelhante a uma ovelha, mas com características de urso. Tinha enormes patas com grandes garras, olhos de assassino e uma enorme boca com dentes grandes. Não houve tempo de reação. O grupo foi obrigado a correr pela floresta. Manuel conseguiu disparar sua arma contra a fera, mas nenhum dano pareceu causar a besta, apenas deixando-a mais enfurecida. O grupo corria o mais rápido que podia na mata fechada e o animal seguia ao encalço dos perseguidos abrindo caminho entre pedras e árvores. Francisco e Shadá, que iam à frente do pelotão, subiram em uma enorme árvore enquanto o resto da comitiva seguiu correndo. O Aho Aho ao ver a investida dos dois direcionou sua atenção para eles deixando que os demais escapassem. O gigantesco animal, ao cravar suas garras na árvore, fez com que essa balançasse tão violentamente que os dois fugitivos tiveram que se agarrar fortemente aos galhos para não caírem do refúgio. Os outros integrantes liderados por Itá continuaram a fuga e encontraram Sumé. Esse indicou uma

gigantesca árvore que todos subiram com muita dificuldade. O português e seu escravo resistiram às investidas do animal ao refúgio até que esse pareceu ter desistido. A fera ficou a circular o grande tronco, mas para a surpresa dos acoados o bicho era persistente e começou a cavar expondo as raízes do vegetal. Com as enormes patas e fortes garras a cratera foi crescendo e a cada investida do animal mais solta a planta ficava até que começou a balançar muito. Francisco e Shadá diante da situação que se encontravam só tiveram uma saída, trocar de árvore. Mas a fera começou a adotar a mesma estratégia na nova planta. Quando o segundo refúgio também começou a ceder os sócios foram obrigados a trocarem de estratégia. Separaram-se e o Aho-Aho vendo a atitude de suas presas escolheu um e o seguiu, neste caso foi Francisco. Shadá desceu depois do português que pulou para outra a árvore e, aproveitou-se da distração da besta, correu o mais rápido possível na direção oposta. Depois de uma determinada distância encontrou Sumé que o indicou a árvore que os demais integrantes do grupo se protegiam. Shadá dirigiu-se para o mesmo local e escalou a gigantesca árvore. Francisco não teve a mesma sorte e sofria com a tática dotada pelo animal, já tinha pulado para seis árvores e esta não possuía mais nenhuma outra nas proximidades. Tinha que encontrar uma outra saída rapidamente uma vez que a árvore cedia cada vez mais. A situação era desesperadora e a planta estava prestes a tombar. Mas uma mudança repentina surpreendeu Francisco. Sumé a uma distância de vinte metros do animal começo a chamá-lo.

-Aho-Aho! Gritava ele.

A besta se virou rapidamente e visualizou uma captura mais fácil. A investida contra Sumé foi rápida, mas esse desapareceu na mata com a fera ao seu encalço. Francisco aproveitou o ocorrido e desceu da árvore, correu na direção oposta ao animal. Após um curto trajeto encontrou o restante do time e

se refugiou na mesma árvore. Não tardou para o Aho-Aho reaparecer, circulou a planta e depois de um curto período de tempo tomou o caminho da mata e desapareceu. Sumé chamou o grupo para descer do esconderijo, falou com o índio e sumiu na mata. Manuel inquiriu Itá.

- Quem era este que nos salvou e se foi?

- Sumé. Espírito da mata.

- Espírito? Indagou Francisco – Para mim ele parece de carne e osso.

- Sumé ensinar índios usar plantas, fazer fogo, usar barro...

- Mas ele não é um espírito! Afirmou o comandante.

- Sumé ter muito poder. Andar sobre água sem molhar. Quando índio atirar flecha nele ela volta e fere índio. Sumé ter muito poder. – Explicou Itá.

- Você está ferido, comandante? Perguntou Soró ao ver o braço de Manuel sujo de sangue.

- Foi um grande espinho, mas eu o retirei.

- Como é espinho? Inquiriu o índio.

- Grande e escuro – respondeu Manuel.

- Ter pequena cores – Insistiu o silvícula.

- Não reparei. Era só um espinho. Eu estou bem.

Itá trocou olhares com Soró e acrescentou.

- Espinhos muito ter veneno e cura diferente, plantas diferente. Índio ter saber espinho ter saber cura.

- Eu já disse que estou bem – afirmou o líder dando fim a discussão.

O fim do dia estava próximo e retornaram ao acampamento com cautela apesar de terem sido avisados pelo pajé de que a fera não retornaria a incomodá-los pois Sumé o havia garantido. No trajeto de volta o grupo falou sobre o ocorrido naquele dia.

- Eu já havia trocado de árvore junto com Shadá, mas o animal insistia. A árvore estava oscilando com as investidas e fomos trocando até que nos separamos e a fera se manteve no meu encaixe. Shadá aproveitou a oportunidade e escapou enquanto fiquei a mercê da sorte.
- Fiquei espantado com a força da besta, quase arrancou as árvores com as raízes – completou o escravo.
- Só não entendi por qual motivo ela não tentou fazer o mesmo na última árvore que estávamos? Perguntou Francisco.
- É muito estranho – falou Manuel.
- Quando conhecer padres – Iniciou Itá – eu conhecer árvore usar na cruz filho Deus. Árvore nós subir é árvore cruz. Aho-Aho não pode derrubar árvore cruz.
- Quer dizer que o tipo de árvore utilizada na cruz de Cristo é o repelente da besta? Essas eu não sabia! Concluiu Francisco.
- Índio saber Aho-Aho não atacar árvore cruz, Índio não saber e padre ensinar.
- Eu não acredito nesta história! Aquela árvore deve produzir algum cheiro ou alguma outra defesa para afastar animais. Essa versão pregada pelos padre é muito fantasiosa! Disse Manuel.
- Mas funcionou – defendeu Francisco.

Ao término da discussão já tinham retornado ao acampamento e tudo estava como haviam deixado. Tomaram os animais e distanciaram do local até que o meio da noite chegasse. Montaram um novo acampamento improvisado com o primeiro turno de vigia de Manuel.

Capítulo 04 -

Pela manhã o grupo despertou aos poucos com exceção de Manuel que tinha febre. Itá sabia o motivo da enfermidade, mas não podia ajudá-lo de

imediatamente porque se preparasse um antídoto com as ervas erradas poderia ser o fim do líder da comitiva. Porém algo tinha que ser feito uma vez que o veneno o consumiria rapidamente. O doente comeu pouco e forçadamente. Tentava mostra-se forte, mas tinha sido minado violentamente pela toxina. Manuel ordenou que seguissem viagem, montou com grande dificuldade e só aguentou até o meio do dia. O acampamento foi montado bem cedo. Próximo à fogueira e bem agasalhado tentaram mantê-lo o mais bem aquecido possível. Todo o grupo, ou quase, havia ficado bem preocupado diante da situação e o índio se afastou do acampamento. Itá tentou encontrar uma solução dentre as milhares possíveis. Primeiro separou mentalmente os tipos de espinhos venenosos existentes naquela região, fez a ligação das ervas comuns dos antídotos entre esses. Buscava-as ao redor do acampamento para onde retornava e preparava a poção. O pajé sabia que a saída encontrada apenas prolongaria um pouco a vida do envenenado e que não resolveria o problema. No fim da tarde o comandante bebeu o preparado.

- Isso o curará? Perguntou Francisco.

O índio respondeu com um sinal negativo de cabeça. Naquela noite Itá não dormiu no acampamento. Procurou um local bem afastado e deitou sobre uma pedra quase plana. Quando adormeceu viajou para um lindo lugar com uma grande cachoeira que pareciam longos cabelos brancos. A água que caía ao tocar na grande piscina da base quase não produzia espuma. Tinha muitas pedras grandes ao redor do lago e todo o fundo desse era coberto por pequenas e coloridas rochas. A água parecia invisível de tão transparente e era um dia claro apesar de não haver sol. As árvores ao redor eram de um verde sobrenatural e a brisa fresca e constante as acariciava completando a paisagem. No centro da piscina natural havia uma grande pedra plana com uma mulher idosa sentada. Estava de costas para Itá e tinha longos cabelos brancos. Itá logo

a reconheceu, era Kerpimanha, a enviada de Tupã. Quando o índio dorme sua alma viaja pelo mundo e para o corpo não esfriar Tupã ordena que a bondosa velha tome o lugar vago para guardá-lo até a hora da alma retornar. É através desta troca que ela envia aos homens os recados do deus descendo pelos raios das estrelas. Itá entrou no lago mal sentindo a frieza da água e também não a perturbando. Ele andou e logo o lago foi se tornando mais fundo até que próximo à pedra a água já atingia o pescoço do índio. Esse em um único salto alcançou o topo da pedra completamente seco. Kerpimanha ou também denominada a mãe dos sonhos se virou e o pajé se sentou. Ela o olhou demoradamente e sorriu. Apesar da idade tinha a beleza de uma jovem e o brilho da vida nos olhos. Ela esticou as mãos e encontrou as dele. Naquele momento Itá experimentou algo que jamais sentiu, era como se seu corpo fosse carregado de alguma coisa que ele já teve, mas o tempo tratou de levar. Finalmente ela falou doce e suavemente.

- Meu amigo, faz muito tempo.

Ele respondeu com um sorriso e ela continuou.

- Tupã sabe de sua aflição. Você é a flecha de Seu arco e Sua mira é infalível. Os dias te levarão onde tenha que ir e as ocasiões o farão agir como Tupã deseja. Quanto ao homem branco ainda não é chegada a hora dele pois sua serventia ainda não terminou.. Você terá ajuda e encontrará o que procura para salvá-lo. Agora vá, meu filho, pois a manhã se aproxima.

Itá sem dizer uma única palavra soltou-lhe as mãos e desceu da pedra, mas quando tocou o lago esse tinha vinte e cinco centímetros de profundidade. Ao atravessá-lo acordou. O céu começava a receber as primeiras luzes do dia quando o índio se levantou da pedra fria. Em silêncio caminhou pela mata se distanciando em direção ao acampamento. Ele podia sentir a influência dos Caruanas em guiá-lo. Após um curto período de tempo ele chegou a um local

bem fechado de mata, tão fechado que aluz do sol só entrava um pouco ali quando o astro rei atingia seu ápice. Itá podia ver uma fraca luz dourada no interior da escuridão. Ele sabia que aquela façanha tinha sido realizada pelos pequenos seres, espíritos ou duendes que guiavam e inspiravam os pajés a encontrarem as curas contra os males do corpo e aquele era um dos sinais. Às vezes na cor do ouro, outras na da prata, ora vermelho ora azul, o espectro era utilizado ao bel prazer dos minúsculos seres. O pajé adentrou na escuridão e através de passos firmes e cuidadosos a cruzou sem medo. A luz se intensificava a cada metro percorrido, mas ela não destacava nada além do objeto do qual emanava. Era uma pequeníssima planta que possuía três folhas dispersas. Parecia feita de ouro. O índio colheu dois terços da folhas. Naquele local ele sentia a respiração da floresta, era profunda e pesada. Itá sentiu como se milhares de olhos lessem suam alma. Ele se levantou e retornou pelo mesmo caminho de ida sem olhar para trás.

O sol já estava alto quando o índio retornou ao acampamento. Soró alimentou Manuel durante a noite com o resto do preparado feito pelo pajé no dia anterior. A febre havia cedido, mas não vencida. Itá preparou a nova poção e deu-a ao comandante. Naquele momento só restava aguardar o resultado.

O grupo tomou a refeição matinal e a criança foi ao rio em busca de água. Lokô era glutão e foi por todo o caminho colhendo frutas e frutos. Brincava com as flores e pedras que encontrava. Examinava curiosamente os insetos, pulava e corria com um pequeno balde que carregava. Realizava suas tarefas com alegria e despreocupação. Enfim o rio. Era rápido, volumoso e com muitas pedras. A correnteza espumava a água ao encontrar os obstáculos naturais e fazia um som bem alto. A criança decidiu seguir a correnteza até encontrar um local onde as águas fossem mais calmas. Distanciou-se do acampamento durante sua pequena viagem até que encontrou um desvio do rio

principal que contornava uma enorme pedra e formava um pequeno lago transparente e tranquilo. Enquanto se abaixava para encher seu recipiente alguma coisa se aproximou por trás do menino e quando Lokô se levantou e virou pode vislumbrar a forma que o aguardava. Apesar da aparência assustadora do visitante o semblante da criança manteve-se sério. O ser era alto, de cor marrom com manchas verde-escuras, orelhas pontudas, cabelo até os ombros negros, nariz muitíssimo grande e afilado, olhos amarelos, boca larga com dentes de um amarelo escuro e em vez de dedos tinha garras. A pele lembrava a de um sapo. Lokô após reparar bem na criatura exibiu um largo sorriso. O ser lhe esticou a mão e o garoto a segurou com a sua e ambos desapareceram na mata.

Soró estava sentada sob uma árvore próxima a Manuel e sentiu um calafrio percorrer-lhe o copro e pensou na criança. Em um único salto ficou de pé e correu para a mata na direção em que Lokô havia partido tempos antes. Itá entreolhou-se com Francisco e seguiu atrás da guerreira. Shadá manteve a posição que estava e junto com Francisco mantiveram-se junto do comandante. O índio corria tentando alcançar Soró, mas parecia que a mulher tinha asas nos pés. A vegetação densa deixou suas marcas na pele de Soró. Enfim o rio. Olhando ao redor gritou várias vezes o nome do garoto, porém a única resposta era o ruído das águas rápidas da correnteza do rio. Junto ao índio percorreu um grande trecho das margens, mas foi em vão. Convencida por Itá retornaram ao acampamento com a esperança da criança ter feito o regresso por um caminho diferente. A volta foi mais demorada e ao chegarem ao destino foram inquiridos sobre o comportamento de ambos. Após a explicação o inquérito continuou.

- É só uma criança. Para onde iria? Perguntou Francisco.

- Ela é muito mais que uma criança – respondeu Soró nervosamente.

- Então o que ela é? Insistiu o português.

A resposta foi o silêncio. Isso atiçou a curiosidade dos demais membros da comitiva. Até Manuel entrou na discussão apesar de sua debilidade repetindo a pergunta.

- Então, o que ele é?

- Ele é o principal representante de um deus na terra – a resposta foi dada pelo visitante de uma perna só.

- Você novamente? Perguntou Francisco surpreso ao revê-lo.

- Sim, seu moço, eu de novamente.

- Parece que o amigo tomou o mesmo caminho que nós – afirmou Manuel.

E o visitante assentiu discretamente com um gesto de cabeça.

- Eu também represento o meu – expressou Francisco sua autoridade.

- Sim, de certa forma, Todos nós representamos nossos deuses. Uns muito mais e outros nem tanto – respondeu o visitante calmamente encarando Francisco com um esboço de sorriso malicioso no canto da boca.

Ao receber a resposta o português sentiu o calor tomar-lhe as faces de modo que essas ficaram vermelhas. Neste instante Manuel tomou a frente da conversa sem notar seu compatriota.

- Você sabe onde ele está?

- Sim.

- E pode nos levar até ele? Insistiu o comandante.

- Infelizmente não – respondeu o visitante ainda com malícia.

Francisco não suportando o jogo e com os sentimento à flor da pele retornou à discussão.

- Mas como? Ela disse que você era amigo e quando ela precisa você não pode ajudá-la? Que tipo de amigo você é?

O visitante abriu um largo sorriso e respondeu.

- Simplesmente um amigo.

Manuel ignorando o embate entre Francisco e o perneta prosseguiu.

- Ele está bem?

- Ele sempre está bem.

- Já que você não pode nos levar até ele poderia dizer para onde temos que ir para encontrá-lo? Perguntou Manuel.

Francisco voltou a intrometer-se.

- Eu acho que foi ele quem raptou o garoto. Ele quer nos levar para uma cilada. O que você quer? Dinheiro? Armas? Vamos, diga!

A resposta do visitante foi o mesmo sorriso de antes. Itá que estava calado até aquele momento decidiu falar.

- Alguém levar menino?

- Sim e você o conhece. Ele é marrom e tem orelhas pontudas.

- Anhá! Gritou o índio.

O visitante confirmou com a cabeça e Francisco acrescentou.

- É um demônio!

- Espírito – retificou o índio.

E o visitante continuou.

- Há coisas que me impedem de levá-los pessoalmente, mas uma amiga minha poderá guiá-los até o local.

Naquele exato momento uma grande coruja amarela pousou no galho mais baixo de uma árvore próxima e piou despertando a atenção de todos. O convidado prosseguiu.

- Sigam a minha amiga e acharão o que procuram.

Francisco mais uma vez lançou seu ataque de fúria.

- Esta é a sua armadilha? Eu cortarei sua outra perna, mas antes passará pelo tronco seu traidor!

O português se levantou para ir em direção ao deficiente, mas foi impedido por Shadá que o segurou e fez um gesto negativo com a cabeça.

- O dia de acertamos nossas diferenças está próximo, senhor. Tenha paciência, Francisco – disse o visitante calmamente encarando-o antes de se virar e desaparecer na mata.

A coruja piou e por alguns instantes o silêncio reinou. Itá começou a falar.

- Comandante não sozinho ficar.

- Negativo, eu vou – disse Manuel tentando se levantar.

- Você ainda não está recuperado – pontuou Francisco.

- Mas ficarei logo e rapidamente. Arrumem as coisas e partiremos – disse dando por terminada a discussão.

- Não se preocupem – disse Soró ao grupo – eu tomo conta dele.

Manuel olhou para Shadá que reprovou a atitude com um aceno de cabeça. O grupo se aprontou e a coruja amarela alçou vôo. Seguiram-na. Avançavam com dificuldades e ao chegarem ao topo de uma pequena elevação puderam avistar ao longe um morro com o formato de uma tartaruga. Caminharam até o meio tarde quando foram obrigados a fazer uma parada forçada devido a terem perdido o guia alado de vista. Desmontaram e buscaram-na vigiando o alto das árvores e o céu até serem interrompidos por um grande estrondo. O som veio da direção em que tinham passado havia pouco tempo. Agruparam-se buscando as armas. Ao derrubar duas enormes árvores o gigante se mostrou, era o Gorjala. Negro, imenso e horrendo. Possuidor de enormes braços e pernas. Andava derrubando o que lhe aparecesse pela frente, a enorme boca que se abria para as laterais e para baixo desproporcionalmente mostrando os dentes afiados, os olhos esbugalhados, o enorme e chato nariz e pouco pelo no corpo. Antes que Francisco pudesse atirar a fera lançou uma

imensa pedra que trazia a mão. Shadá e seu sócio tiveram que pular de um pequeno barranco para não serem atingidos. Itá conseguiu atingir um dos braços do gigante com suas flechas, mas a fera lançou um enorme tronco de árvore. O índio também pulou do barranco para não ser atingido. Manuel que havia caído e Soró tentava ajudá-lo a se levantar quando o Gorjala esticou o braço para agarrá-los, mas a guerreira em um movimento rápido sacou sua faca e a cravou em um dos dedos do animal que rugiu. A mulher que não esperava a rápida reação do ser ferido foi atingida e jogada longe. Manuel debilitado e com sua protetora desmaiada foi facilmente capturado e levado pelo monstro.

Capítulo 05 -

Soró despertou com a refrescância no rosto. A cabeça doía muito e as primeiras imagens que viu foram turvas. Aos poucos a nitidez retornou e ela viu Sumé banhar-lhe as faces com folhas macias e de odor agradável. Ela esboçou um discreto sorriso e voltou a adormecer. O cansaço era nítido em sua expressão, a respiração era profunda e bem marcada. Um dos braços estava envolto em largas folhas embebidas no mesmo líquido que era passado em sua testa e a cabeça repousava sobre macia moita de capim com odor de limão.

Os integrantes restantes demoraram para retornarem ao lugar da luta pois a subida do barranco era impossível e por isso tiveram que dar uma longa volta até encontrarem um trecho acessível para escalam. Sumé cuidou de todos e somente partiu quando a guerreira estava em condições mínimas de seguir viagem e se defender. A noite chegou e com ela o pernetá.

- Boa noite – disse o visitante aparecendo após a partida de Sumé.

Somente Itá e Soró responderam a saudação.

- Não há tempo para descanso, a ocasião pode urgência – continuou.

- Mas agora são dois! Acrescentou Shadá.
- Sim, eu sei. Precisam agir rápido do contrário o homem branco capturado será morto. A ação tem começar agora ainda no início desta noite senão poderá ser tarde demais.
- Mas nem sabemos para onde Manuel foi levado – afirmou Francisco já nervoso.
- Nisso não há problema. Um grupo segue minha amiga e outro vai atrás do gigante – falou o amigo.
- Por que temos que nos dividir? O garoto não está bem? Vamos todos atrás do gigante! Argumentou o português.
- Sim, o garoto está bem, mas há um enorme risco de nunca mais o vermos. Sem ele essa busca não irá longe além do resultado trágico.
- Nós dividir – falou Itá.
- E quem é você para decidir? Gritou Francisco.

Naquele momento Soró se levantou e se posicionou ao lado do índio.

- Itá, vamos buscar Lokô – disse a guerreira deixando a discussão e sendo seguida pelo índio.
- Filha de uma porca! Esbravejou Francisco apontando para Soró e continuou se dirigindo ao visitante – Isso é culpa sua seu aleijado dos infernos! Maldição! Vou acertar as contas contigo e arrancarei sua outra perna!

O insultado responde calmamente com um sorriso no rosto.

- Se o senhor fizer isso agora eu não poderei ajudá-lo a encontrar seu amigo. Sim, seu amigo ele é, mas o senhor não é amigo dele. Acha que não sei o que pretende fazer quando encontrarem o que procuram? Eu sei de muita coisa, seu moço. Brincar comigo é como brincar com fogo e você pode sair muito queimado.

Francisco engoliu a seco e o clima ficou tenso por alguns instantes. Shadá rompeu o silêncio.

- Você poderia nos dizer onde está o comandante?

O visitante ainda com o sorriso no rosto respondeu.

- Estão vendo aquele serra? Apontou para uma cadeia de montanhas que se estendia ao longe – No alto dela há um pico que se chama Barbatana de Tubarão. Subam e acharão uma passagem. Lá encontrarão o que procuram. Lembrem-se de que sem ele o objetivo de vocês não será alcançado.

- É noite e a serra tem vários picos, como encontraremos o correto? Insistiu Shadá.

- Sigam o rio e não haverá erro – disse o visitante virando-se e caminhando para a mata, mas assim que desapareceu completou – Apressem o passo pois o tempo é o principal inimigo.

Francisco e seu laçao reuniram algum material leve e partiram na direção do rio.

Capítulo 06

Logo que Soró e Itá se afastaram do local da discussão a coruja amarela apareceu. Ela os guiou floresta adentro. Seguiram a ave até a proximidade de um vale e ao se aproximarem de seu interior descobriram uma caverna.

Capítulo 07

Francisco e Shadá acompanharam o rio subindo em direção ao leito. O caminho era muito mais fácil do que pela selva e com isso conseguiam um ritmo mais rápido no deslocamento. A correnteza era forte e o volume de água

era grande. O choque com as constantes pedras espalhadas por todo o curso da água mostrava a força da natureza. Iam a pé pois esconderam os animais em um local seguro. Os seres noturnos da selva se mostravam em vôos rasantes, barulhos e ao saírem do caminho da dupla. Foi Francisco que iniciou a conversa após um período de silêncio.

- Eu me vingo.

Shadá, que ia a frente, olhou sobre o ombro e perguntou sem reduzir o passo.

- De quem?

- Do escravo pernetá.

- Ele é um gênio, cuidado.

- Gênio pernetá? Arrancarei aquela outra perna! Se ele fosse poderoso não teria somente uma perna. Não acredito em gênios. Para mim ferro e fogo é que são poderosos!

- Palavras de Manuel.

- Se eu o capturasse você me ajudaria a matá-lo?

- Quem? Manuel?

- Esse será no futuro. Falo do pernetá.

- Francisco, já escutei muitas histórias a respeito dele e sobre seus feitos e traquinagens.

- O que você sabe sobre ele?

- Bem... Dizem que o gorro é mágico e quem sem esse ele não tem nenhum poder. Quem o pegar poderá pedir qualquer coisa que terá o desejo prontamente atendido.

- Se você tiver razão nossa procura poderá terminar logo. Muito antes do fim desta empreitada.

- Não brinque com ele Francisco. Ele é mestre em armar ciladas.

- Você conheceu alguém que tenha conseguido capturá-lo?
- Eu não, mas meu pai contava que um conhecido dele na África conseguiu prender um dentro de uma garrafa. O homem era muito pobre, mas muito inteligente. Tudo que fazia para melhorar de vida dava errado e a cada dia sua situação piorava ainda mais. Um dia, quando pedia nas ruas de uma grande cidade africana, uma mulher o procurou e fez um trato com ele, o ensinaria a ficar rico, mas um terço de tudo que conseguisse deveria ser dado aos pobres pois do contrário voltaria à pobreza em uma situação ainda pior da que se encontrava naquele momento. O homem aceitou a proposta e a mulher o ensinou como capturar o gênio que realizaria todos os desejos dele. Após isso a mulher se foi e nunca mais apareceu. O homem fez o que lhe foi ensinado e conseguiu prendê-lo em uma garrafa. Rapidamente enriqueceu e se tornou o homem mais rico e poderoso da África. Mulheres, fazendas, animais, riquezas, exércitos e tudo que queria ele conseguia. Todo ano ele contava sua riqueza e distribuía a parte devida, mas no sétimo ano sua ganância falou mais alto e ele não fez o que deveria. Em sete meses ele perdeu tudo, foi capturado e trazido para cá como escravo. Morreu sete anos após chegar aqui. Ao contar essa história meu pai sempre me dizia que o gênio sabe esperar para se vingar e o motivo desta vingança ser tão amarga é que ele sabe como e quando fazer, nem um dia a mais, nem um a menos. Tudo é planejado.
- História para assustar crianças, vamos ver se ele é tão poderoso mesmo! Bem que esta situação atual do comandante poderia ter acontecido no final de nossa empreita.
- É verdade, Francisco, nos pouparia muito trabalho.
- Vamos enriquecer seja com o gênio ou com o comandante.

Capítulo 08

Itá e Soró se aproximaram da caverna e se esconderam atrás de um bambuzal. O índio pegou alguns objetos que trazia consigo e realizou um rápido ritual enquanto a guerreira vigiava ao redor. Ao término ele colocou a mão esquerda na bolsa que carregava a tira colo e a encheu com farinha de mandioca torrada e a devolveu ao lugar de origem.

- Você ficar – diz ele.

- Não, eu vou contigo.

- Não, alguém ficar guarda. Se Anhá aparecer você não deixar ele entrar. Índio traz criança, você lutar.

Com a devida cautela ambos se dirigiram para a caverna, mas só Itá entrou. Soró ficou em uma das laterais da entrada de guarda. O interior estava muito escuro e o índio esgueirava-se pela parede tentando não fazer barulho. Caminhou por algum tempo até que viu uma luz muito fraca a uma distância considerável de onde se encontrava. À medida que avançava a luz foi ficando cada vez mais forte até que alcançou um grande salão. Escondeu-se em um ressalto na rocha, mas conseguia visualizar quase todo o ambiente. Localizou a criança presa em uma cela de bambu. Não havia sinal de Anhá e o índio decidiu agir. Saindo das sombras dirigiu-se rapidamente para o local onde o garoto estava preso e começou a desamarrar a entrada do cárcere. A criança ao vê-lo abriu um largo sorriso que foi respondido pelo índio com o dedo indicador na frente dos lábios. A alegria durou pouco quando Itá notou a expressão no rosto de Lokô. Como um relâmpago Itá se lançou ao chão e o golpe de machado passou a centímetros de sua cabeça. A arma arrebentou os bambus da jaula. Ao

se virar vislumbrou a face do monstruoso ser. Na segunda investida do ser Itá foi obrigado a rolar no chão para não ser atingido. No intervalo entre o segundo e o terceiro golpe o índio se antecipou levantando-se e agarrando o monstro. Itá recebeu socos da fera enquanto tentava desarmá-la e retribuiu com cruzado de esquerda. Quando Anhá teve sua cabeça atingida ele vacilou e a arma foi ao chão. A luta corpo a corpo se intensificou. Vários objetos do local foram derrubados durante o confronto. Itá conseguiu apanhar um pouco de farinha de mandioca de sua bolsa, mas o inimigo prevendo as intenções do pajé agarrou-lhe o pulso com a intenção de quebrá-lo e assim se livrar do perigo que o rondava. Itá gritou ao sentir a crescente dor. Soró que aguardava na entrada da caverna escutou o grito e correu para acudir o amigo, mas no meio do percurso seu corpo foi arremessado para trás como se houvesse batido em um escudo invisível vibrando como uma corda esticada ao ser puxada. Itá, mesmo com a intensa dor, conseguiu abrir a mão e soprou o pó sobre Anhá. No mesmo momento em que Soró tomada por um transe gritou com a força de um trovão. O ser maligno se afastou abruptamente deixando a luta de lado e com as mãos na cabeça ele gritou e entrou em combustão espontânea. A tocha ambulante abriu os braços em desespero e correu na direção da saída da caverna desaparecendo na floresta escura. O pajé recolheu a criança e saiu para encontra a guerreira desmaiada.

Capítulo 09

Já havia passado do meio da noite quando Francisco e Shadá chegaram próximo ao pé da serra. Tinham saído da companhia do rio e seguiram uma estreita trilha que os levou a um pequeno morro pouco antes da grande elevação geográfica. Param por alguns instantes para descansarem, mas não se demoraram pois ainda tinham uma longa distância a ser vencida até o objetivo final.

Capítulo 10

Após algum tempo Itá conseguiu despertar Soró fazendo-a inalar o cheiro de uma determinada folha que havia esmigalhado na mão. A mulher acordou confusa e demorou a ter os sentidos completamente reestabelecidos. O trio deixou o local e caminhou de volta ao lugar onde tinham deixado os animais e seus pertences, mas não foram longe pois foram interceptados por um grande grupo de guerreiros indígenas bem armados. Itá se surpreendeu ao perceber que estavam cercados e aguardou em silêncio.

- O que vocês fazem em nossas terras? Perguntou aquele que parecia ser o líder do grupo.

- Nós estamos de passagem. Procuo a tribo dos Peixes Saltadores pois preciso falar com um velho amigo meu – respondeu o pajé fazendo um sinal discreto para que Soró não empunhasse a arma que a guerreira trazia consigo.

- E qual o nome daquele que procura a tribo?

- Pedra Branca, o pajé.

Houve um silêncio e instantes depois um homem velho se aproximou de Itá. Ele veio da retaguarda do grupo até que chegou muito perto do pajé. Era bem idoso e tinha a pele do rosto muito enrugada. Parecia não enxergar bem pois analisava o visitante com o rosto quase colado ao de Itá. Olhou-o de frente,

de lado e de costas. Fez o mesmo procedimento com a mulher e a criança. No fim retornou para o lugar de onde veio. Houve um debate, mas Itá não conseguiu escutar tudo que diziam devido ao ruído das várias vozes que falavam ao mesmo tempo. Por fim o homem idoso retornou e falou no ouvido do líder que por sua vez se dirigiu a Itá.

- Cobra Vermelha diz que você não é o pajé Pedra Branca. Ele morreu. Você é inimigo e vai morrer – sentenciou.

Itá em um último ato argumentou.

- Eu não conheço Cobra Vermelha, nunca o vi. Eu conheço Cobra Amarela, o grande guerreiro. Nós lutamos juntos e eu salvei a vida dele quando foi ferido. Em gratidão ele me deu o arco que havia sido um presente de seu pai, o grande guerreiro Folha Seca.

Mais um período de silêncio e o ancião reapareceu. Voltou a falar no ouvido do líder que finalmente se dirigiu a Itá.

- Cobra Amarela diz que o aqui presente é o pajé Pedra Branca e não o inimigo. Devemos celebrar a ajuda em momentos tão difíceis. Seja bem vindo, irmão.

A tensão desapareceu por completo e o trio pode respirar aliviado. Cobra Amarela veio recepcionar o visitante. O clima de festa tomou o lugar e Itá contou rapidamente o ocorrido com Soró e Manuel. Ao inquirir sobre o pajé Mato Rasteiro, aquele que sabia da localização da Grande Cidade Amarela, obteve a resposta de Pata de Anta, o chefe da tribo.

- Mato Rasteiro desapareceu na mata. Os cupendiepes rondavam a aldeia e provavelmente devem tê-lo capturado.

- E vocês não foram resgatá-lo? Perguntou Itá.

- Muito perigoso. Há muito tempo atrás eles não eram tantos e por isso conseguíamos controlá-los, mas hoje nem o grande exército poderia enfrentá-los. Há inúmeros ninhos e o principal deles está na serra – apontou para a

grande formação rochosa – Lá o homem branco deve estar também. Agora você anda junto ao homem branco e a mulher preta.

- Meu irmão, é necessário pois confio em poucos dos nossos – respondeu Itá.

- Eu sei o que fizeram em sua aldeia. A notícia é rápida como o vento e corre pela mata. Nós vivemos trocando nossa aldeia de lugar e em constante vigilância pois também tememos o pior. Disseram-nos que você estava morto e é bom saber que não é verdade – disse Pata de Anta segurando o braço do pajé.

- Mais alguém além de Mato Rasteiro sabe a localização da Cidade Amarela?

- Ele foi o último de nossa aldeia que já esteve lá e isso faz muito tempo – respondeu o cacique.

- Então já é hora de seguirmos – disse Itá se levantando.

- Para onde vão? Não é melhor esperar o nascer do sol?

- Irmão, precisamos voltar aos animais para encontrarmos um integrante de nosso grupo que foi capturado pelo Gorjala. Precisamos encontrá-lo o quanto antes – explicou Itá.

- Mas o Gorjala ajuda os cupendiepes e vocês irão direto ao ninho das feras! Daqui a duas luas haverá um grande festa e há alguns dias eles estão capturando comida pela floresta, homens e animais são suas presas e farão parte da refeição principal. Todos os anos acontece a mesma coisa. Tudo mudou, as tribos deixaram de caçá-los há muito tempo e eles se multiplicaram em excesso.

- Agora são dois os motivos para irmos. Onde é o ninho deles?

- Vocês não podem ir. Nem o grande exército da Cidade Amarela tem a força necessária para os enfrentar – tentou persuadir Itá.

- Onde eles ficam? Insistiu Itá.

Pata de Anta e os índios mais velhos se entreolharam balançando negativamente a cabeça. Foi então que Cobra Amarela falou.

- Eles vivem na grande pedra que tem a forma de uma barbatana de tubarão. Siga o sentido contrário às águas do rio. Não há como errar.

- Obrigado irmãos.

Soró presenciou tudo sem entender o que diziam. Repetiu o gesto do índio ao se levantar. Ao deixarem o acampamento Pata de Anta disse.

- Cada um tem o nome que merece. Itá é pedra e pedra é a sua cabeça.

Capítulo 11

A claridade já começava a despontar quando Francisco e Shadá alcançaram o pé da serra. Pararam junto a um grupo de bananeiras e fizeram uma rápida refeição com os frutos maduros colhidos. O português avistou uma discreta trilha estreita que margeava a colossal rocha e partiram na direção dela. Logo no início do percurso o negro encontrou junto à vegetação do local o chapéu de Manuel, sinal de que estavam no rumo correto.

Capítulo 12

Itá, Soró e Lokô seguiram o fluxo inverso do rio, andaram toda a noite. Ventou muito e o tempo tinha mudado. O pajé conhecia o perigo eminente das águas celestes pois quando chove na serra a força da água que desce pelo rio arrasta tudo que está em seu caminho. Pela manhã o trio alcançou a cachoeira que dava origem ao rio e junto a ela o gigantesco paredão liso que impedia qualquer tipo de escalada. O índio começou então a emitir alguns sons estridentes. Soró e Lokô se entreolharam e retornaram a atenção para o pajé e seu teatro. Após algum tempo começaram a chegar pequenos macacos que ficaram a olhar de longe. Um deles venceu a timidez e se aproximou do índio

que se aproveitando a situação de curiosidade do primata conseguiu apanhá-lo. De posse do pequeno animal pegou uma folha em sua bolsa e começou a mastigá-la. Quando tinha completamente triturado a planta pegou a massa da boca e a colocou na do animal, falou no ouvido dele palavras inaudíveis para os espectadores e soltou o primata. Esse ao ganhar a liberdade disparou mata dentro. Enquanto Itá e o animal se entendiam, Soró e Lokô se dirigiram para a parte seca do liso paredão e começaram a explorá-lo. Afastando-se cada vez mais da queda d'água e adentrando na floresta que circulava a rocha a guerreira visualizou um estranho e não natural desgaste na parte superior do maciço que poderia ser utilizado como uma escada. Ao acompanhar a estrutura descoberta verificou que o caminho descendente leva-a próxima ao solo. O pajé não demorou a encontrar a dupla. Os três ao analisarem minuciosamente o achado concluíram que essa não foi obra do acaso. Antigas mãos habilidosas tinham-na construído, mas o tempo fez seu trabalho e a desgastou bastante tornando os degraus perigosos pontos de apoio para a subida.

Capítulo 13

Francisco e Shadá pararam para recuperar o fôlego uma vez que a subida era muito íngreme e a trilha estreita. Já havia percorrido um terço do caminho e era o meio da manhã. A vista era maravilhosa pois ainda não tinham encontrado as nuvens baixas e um imenso mar verde se entendia do pé da serra até se encontrar com o longínquo oceano, vez ou outra diferentes cores de folhagens se destacavam do padrão das árvores. Shadá chamou a atenção do português e apontou para o céu indicando uma serra escura que ziguezagueava entre a neblina acima deles. Ambos se escoraram o máximo possível contra a parede até que o ser alado sumisse, era grande demais para ser uma simples ave.

Andaram por mais de uma hora até que alcançaram uma falha na trilha que era praticamente intransponível.

Capítulo 14

O trio subiu a escadaria precária até alcançar um pequeno patamar. A árdua escalada os obrigou a realizar algumas paradas. As nuvens já haviam se dissipado e o astro rei os castigava através de seus furiosos raios, mas o bombardeio não durou muito pois um outro grupo de nuvens escuras os encobriu. Após terem recuperado um pouco da força andaram pelo pequeno beiral em fila durante algum tempo. Já alcançavam o ápice do sol quando encontraram um pequeno animal que fazia um enorme alarido. Itá o olhou admirado, mas não conseguia entendê-lo. Resolveu segui-lo. Continuaram a caminhada pela trilha com maior dificuldade que anteriormente pois o trecho atual oscilava bastante na largura do caminho. Lokô escorregou e foi salvo pelo reflexo de Soró que conseguiu segurá-lo pelo braço quando despencou no abismo. Ao encontrarem uma grande pedra eis a surpresa, avistaram Francisco e Shadá, a falha separava a comitiva. A subida do trio havia sido muito mais íngreme, porém em compensação tinham ganho muito tempo em relação à dupla. Itá e Soró e Lokô retornaram pelo caminho que vieram até um local onde tinham vários cipós que subiam pelas pedras. Cortaram e recolheram somente os maiores e mais grossos. Voltaram para a falha e lançaram as raízes aéreas para os demais integrantes e assim construíram uma rudimentar ponte de cabos, mas extremamente funcional e perigosa. Shadá e Francisco realizaram, um de cada vez a travessia com uma corda de segurança amarrada à cintura. O grupo estava novamente reunido.

Capítulo 15

Manuel despertou. A cabeça dele girava muito além da enorme dor. Estava muito escuro um breu do qual ele nunca havia presenciado. Às suas costas ele sentia o calor do pelo de um ser vivo que não conseguiu identificar. Não tinha ousado se mexer, mas quando o fez reparou que estava amarrado como presa. As amarras estavam ao redor dos joelhos, nos tornozelos e abaixo dos ombros. O odor do ambiente era pútrido e os seres vivos ali presentes quase não faziam barulho com exceção da respiração. O chão fio de pedra fez arrepiar todos os pelos de Manuel além dos pequenos tremores da carne com a ausência de calor. O português estava fraco, mas mesmo assim tentou arrebentar os finos e resistentes fios que o prendia. Após algumas tentativas desistiu. Lembou-se da faca que carregava presa à perna e torceu para que ainda estivesse no lugar. Sua mão a encontrou e seu coração disparou. Não teve dificuldades para sacar o objeto cortante e logo se viu livre do que o prendia. Teve muita dificuldade para ficar de pé e decidiu caminhar como os animais, ou seja, de quatro. Escolheu uma direção e seguiu-a com muito cuidado para não pisar ou assustar as demais presas pois poderiam denunciá-lo aos inimigos. Após alguns metros, ao pular um ser desconhecido, escutou uma voz bem baixa que não falava seu idioma. Era com certeza humano. Dirigiu-se a ele e ao tocá-lo confirmou através do tato. Sacou sua faca e o soltou, mas segurou sua boca e fez o ruído para não fazer barulho. Manuel e sua companhia rastejaram-se até encontrarem uma parede e tomaram o caminho da direita, sempre se guiando pelo limite do local. Ficaram então de pé, Manuel ia a frente e o resgatado o seguia. Caminharam por algum tempo contornando o que parecia ser um grande salão até que o chão sumiu sob os pés do português e ele despencou. A queda de um metro assustou

baste o homem branco. O acompanhante foi mais cuidadoso e desceu o grande degrau. Chegaram a um corredor pouco mais iluminado e que deveria ter a largura de dois homens de braços abertos. Tomaram o único caminho disponível e seguiram pelo corredor.

Capítulo 16

A subida pelas escadas era íngreme e levou o grupo até um novo patamar onde fizeram mais uma parada a fim de recuperarem o fôlego. Itá ao olhar para cima viu uma grande falha vertical na rocha onde a trilha terminava. Já tinham passado pelas nuvens e encontravam-se em um local intermediário livre da neblina. Com um sinal súbito Itá avisou aos integrantes da comitiva sobre um perigo e rapidamente todos se jogaram ao chão e ficaram imóveis. Um ser alado entrou voando na fenda da rocha sem notá-los. Minutos depois escutaram um grande barulho seguido de intensos assobios igual ao feito por pássaros no despertar de um novo dia. Não tardou até uma enorme quantidade dos seres voadores deixarem o que parecia ser o ninho. Centenas saíram do local e rapidamente se afastaram dirigindo-se para um destino ignorado pelo grupo. Esperaram o enxame se distanciar e seguiram em direção a entrada. Quando a alcançaram viram que o local estava desguarnecido e não houve resistência à entrada da trupe. A fenda era a porta para uma gigantesca câmara que estava vazia. A luz do astro rei revelava o teto abobadado do recinto com mais de vinte metros de altura e um redondo cômodo com mais de cem metros de raio. Itá retirou de sua bolsa duas pequenas cabaças. No chão do local conseguiu madeiras. Francisco e Shadá cederam pedaços de suas roupas que presas às madeiras e untadas com o líquido viscoso das cabaças foram acendidas. Adentraram no único caminho disponível, ao atravessarem o salão

de entrada e encontraram um alto, largo e escuro corredor que os levou até uma segunda câmara um pouco menor que a primeira. Nesse local havia muitos desenhos em relevo nas paredes além de três outros corredores simetricamente posicionados em cada ponto cardeal. O grupo escolheu o da direita conforme sugestão de Itá. Caminharam por algum tempo até chegarem a uma bifurcação que tinha o caminho da esquerda bloqueado por dois imensos portões de bronze com enormes desenhos gravados. Seguiram pelo caminho livre.

Capítulo 17

Manuel e seu companheiro desconhecido vagaram às escuras pelo corredor até que perceberam um desvio para a esquerda. Ambos pararam e o português ficou a escutar atentamente todo e qualquer ruído que se apresentava para a tomada de decisão para o caminho a ser seguido. A opção do lado esquerdo era possível ouvir um som muito baixo como se fosse uma respiração. E seguindo sua intuição o comandante decidiu seguir em frente. Ambos continuaram a andança até que alcançaram um salão que era fracamente iluminado por uma luz que entrava por uma pequena fissura próxima ao teto. Na sala havia uma grande retângulo de pedra e sobre esse a escultura de um imenso leão. Pela primeira vez Manuel pode ver as feições de seu novo companheiro, era um velho índio de pele curtida e de largo sorriso. Além do corredor que a dupla veio havia mais dois, um ao norte e outro a oeste. O comandante decidiu seguir por esse último e dirigiu-se a ele passando da frente da estátua e do caminho não escolhido, mas ao passar na frente do corredor escuro viu uma luz e escutou passos. Retrocederam rapidamente e esconderam-se na parte traseira da grande escultura felina. Estavam desarmados e esperariam o momento exato e mais propício para a tomada de alguma atitude

perseguidores emitiam. Os alados ao alcançarem o recinto da estátua amontoaram-se devido ao afunilamento da saída tomada pelos perseguidos. Os humanos ganharam algum tempo com a situação e alcançaram a segunda câmara. Na sala onde os quatro caminhos se encontravam Francisco tomou a direção errada, logo um caminho diferente do que fizeram para na entrada. Todo o grupo o seguiu e após Soró entrar no corredor escolhido não tardou até que os cupendiepes entrassem na sala das encruzilhadas dirigindo-se para o caminho que levava à saída da caverna.

Após o primeiro membro do grupo cruzar o pequeno corredor entrou em um enorme salão trinta vezes maior do que o da entrada do lugar. Quase todo o local era cercado por grandes degraus de pedra e pareciam assentos para um grande público. Ao centro havia um enorme altar que mostrava toda a magnitude do lugar. Quando o grupo se juntou a força da luz das tochas individuais se uniu e o aterrador se revelou. Milhares de olhos marcaram o alvo em silêncio. Foi a vez de Manuel gritar.

- Voltaaaaaaaarrrrrrrrrrr!

O grupo retornou por onde veio. Alcançaram a Sala do Quatro Caminhos e tomaram o único corredor que ainda não tinham passado. Entraram no corredor do norte. Enquanto avançavam os cupendiepes que retornavam da entrada principal da caverna se encontraram com os vindo do maior dos salões. Adentraram no corredor escolhido pela comitiva e o barulho gerado era ensurdecedor. Soró, na retaguarda do grupo, virou-se para olhar os perseguidores viu uma massa disforme, escura que diminuía rapidamente a distância para a trupe. Soró para e se vira. O corpo da guerreira balança como se tivesse sido atingido por uma rajada de vento extremamente forte. Ela o estica completamente e se curva para trás como um arco que retém uma flecha instantane antes do disparo. Os quadris estavam para frente, mas pernas, braços e

cabeça para trás. As órbitas dos olhos estavam brancas e encontrava-se nas pontas dos pés. Sua boca se abriu e ela inspirou grandes quantidades de ar. Os inimigos já estavam muito próximos quando ela jogou todo o corpo para frente e expirou. Expirou uma grande quantidade de fogo. As bestas mais próximas foram desintegradas pelo calor das chamas que chegaram até a Sala dos Quatro Caminhos. A massa queimada foi atirada para fora do corredor. Soró retorna a si e corre na direção dos companheiros.

A comitiva entrou em um salão repleto de pilhas de ossos amontoados, ao centro um único caminho disponíveis entre os restos. Manuel, que naquele momento era o penúltimo da fila, olhou para trás rapidamente e não viu Soró. Ele parou logo na entrada das sala da morte e por alguns segundos ficou a observar o corredor do qual a trupe viera na esperança de que a mulher não fora capturada ou morta. Um forte clarão bem na metade do corredor chamou sua atenção e no instante seguinte ele é derrubado por uma corrente de ar extremamente forte. Não tardou até que a guerreira entrasse na sala dos ossos e visse o líder da comitiva ao chão. Soró o ajuda a se levantar e Manuel pode vislumbrar as pedras em brasa no corredor de origem da mulher.

Saíram do salão das caveiras e transpassaram um vazio. Um curto corredor os levou ao maior de todos os salões que já haviam passado até aquele momento onde duas estátuas de homens com cabeças de lobo guardavam a entrada do local. Continuaram no único caminho disponível e ao deixarem o local das estátuas antropomórficas atravessaram um ponte de pedra sobre um abismo até que dois portões de metal semiabertos e cheios de gravuras em baixo relevo que lembravam uma escrita por figuras muito antiga. O grupo passou pelos portões e tentou fechá-los em vão, eram muito pesados. Lokô foi quem encontrou uma grande alavanca na parede próxima à entrada. A criança subiu em uma pirâmide de pedra próxima ao mecanismo e se dependurou no

artefato. Após um barulho estrondoso os portões começaram a se mover até que se fecharam lentamente e um grande ferrolho saído de uma parede lateral transpassou-o.

O ambiente também era monumental e agraciado com uma enorme queda d'água e um lago. A luz que iluminava o local era natural e provinha de uma grande fenda sobre a cachoeira. Na frente do reservatório ficavam duas pirâmides de pedra e a terceira próxima ao portão. No lago havia uma pequena ilha com um altar de pedra extremamente branco, o mineral era tão branco que ofuscava a visão ao olhá-lo diretamente. A comitiva se dividiu para melhor reconhecimento do ambiente. Os lusitanos foram verificar os portões; Itá e Shadá fizeram a análise do lago e sobre a possibilidade de escalarem a cachoeira para utilizarem a saída do alto; e Soró, Lokô e Mato nadaram até o altar. O fim da tarde chegava e trazia a mãe noite. Devido a presença de água e luz havia muita vegetação no local e isso permitiu que Itá, Soró, Mato e Lokô reunissem muito material para fogueira. Shadá, Francisco e Manuel monitoravam constantemente os portões em busca dos inimigos. Montaram quatro grandes fogueiras criando uma linha defesa. A primeira fogueira estava localizada entre a parede e a primeira pirâmide. A segunda entre as duas construções piramidais. A terceira entre a segunda pirâmide e o lago. A quarta e última foi montada no centro do perímetro. Acenderam somente a última e descansaram próximos a essa ao som da água que caía do paredão. Itá notou vultos sobre a fenda e todos ficaram de sobre aviso. Revesavam na guarda e próximo ao meio da noite o grupo escutou alguns barulhos estranhos. O português se aproximou dos portões, mas o silêncio era grande, mas quando se afastou um grande e ensurdecido estrondo ecoou pelo local, estavam forçando a entrada. Soró ordenou que Lokô se refugiasse na ilha do altar e o menino obedeceu. Dois cupendiepes adentraram pela abertura no teto do salão e se

lançaram ao ataque. Itá, com sua mira infalível, acertou o peito de um derrubando-o no lago. O segundo passou pelo índio e seguiu na direção de Lokô que se escondeu sob o altar. O animal passou e realizou um retorno através de uma cambalhota no ar, mas Soró já havia sacado sua faca e a lançou na direção da fera que foi atingida na cabeça com um golpe mortal. O portão foi forçado outra vez e na terceira começou a ceder. Soró, Manuel, Francisco, Shadá e Mato tentam forçar o portão no sentido contrário para impedir que a primeira defesa caísse, mas ela já havia começado a rachar e a pressão externa só aumentava. O grupo desistiu do intento, recuou e refugiou-se atrás da segunda linha de defesa, as fogueiras são acesas e o portão foi derrubado.

As altas chamas separavam os atacantes dos atacados, as únicas passagens disponíveis era pelo alto ou pelo lago. Os cupendiepes entraram e se dirigiram para a linha de defesa, eram tantos que seria impossível contá-los. O combate começou. Alguns inimigos ignoraram as chamas e atravessaram a defesa, mas eram rapidamente consumido pelo fogo. Outros utilizaram do voo para a ofensiva. Flechas, espadas, lanças, tochas e madeiras eram as armas da defesa. As pilhas de bestas abatidas só aumentava e as investidas subiam na mesma proporção. Por alguns instantes da trupe pareceu ceder ao imenso volume de atacantes, parecia o fim. Mas, como por um milagre, os cupendiepes recuaram rapidamente apesar da enorme vantagem numérica e se retiraram pelo mesmo portão que entraram. Um tufão adentrou pelo corredor e invadiu o salão.

O local trepidou com os tremores e a água do lago formou ondulações circulares com os abalos. Um monstruoso e possante silvo foi escutado e um enorme cupendiepe entrou no recinto, o ser mal conseguiu passar pelo umbral. Dirigiu-se para as fogueiras. Lokô subiu no altar enquanto o grupo olhava atônito para a gigantesca besta. A fera parou bem próximo ao fogo e com um movimento rápido das asas gerou um vento tão forte que extinguiu as chamas.

De asas abertas o animal tinha quase a largura total do imenso salão e a cabeça ficava bem próxima do teto. A comitiva se moveu o animal a seguiu. A criança, naquele momento vislumbrava as costas do animal. Lokô teve um leve tremor e seus olhos se viraram ficando completamente brancos. Os raios de sol que entravam pela fenda eram refletidos no espelho d'água e iluminavam completamente o ambiente. Os olhos negros do cupendiepe estavam fixos no grupo de presas. Itá lançou uma flecha, mas essa não ultrapassou a espessa camada de pele que protegia o animal. A besta se aproximou da comitiva e se preparou para investir um ataque quando um grito foi dado.

Lokô estava diferente, completamente diferente. Ele ainda se encontrava sobre o altar com os braços abertos. Dizia palavras desconhecidas que continham uma sonoridade singular que lembravam uma bela canção há muito tempo esquecida. O enorme cupendiepe se virou para o garoto e o grupo aproveitou-se da distração do inimigo e se espalhou. Quando a fera retornou sua atenção para o grupo esse já não estava mais lá. A criança continuava a proferir as palavras, mas agora gritava. Os ecos tomaram a sala e a besta se dirigiu para o pequeno. Aproximou-se com largas passadas enquanto o garoto jogava a cabeça para trás e ao retornar lançou fogo pela boca. O cupendiepe fechou as asas imediatamente se protegendo do ataque que chamuscou a pele do inimigo. Lokô realizou a segunda investida, mas a fera antecipou a ação do menino e se esquivou. As fortes labaredas atravessaram o salão e atingiram a água gerando uma enorme quantidade de vapor. Os demais integrantes da comitiva acompanhavam o duelo. O animal continuou a aproximação enquanto a divindade encarnada continua a recitar as palavras incompreensíveis. O ser bestial bate as asas, mas o tufão não moveu Lokô. Mais uma vez o divino inflou o peito e expirou o calor do astro rei só que muito mais quente e de cor alaranjada, atingiu o alvo. As labaredas nutriram-se da pele e carnes do

monstro que emitiu silvos de desespero. Soró também entrou em transe e realizou o ataque de fogo sobre o cupendiepe-mor que se afastou na direção do lago e tombou mediante o poder de ataque dos dois adversários. A fumaça negra e o cheiro da carne queimada tomaram o ambiente. No lago o corpo inerte do inimigo. Um zumbido foi aumentando o volume até se transformar em barulho ensurdecedor.

Capítulo 18

A trupe se reagrupou entre as fogueiras enquanto todo o ambiente vibrava com o som que vinha do corredor. Os milhares de órfãos vinham em socorro da progenitora.

Os primeiros a adentrarem no ambiente foram rapidamente mortos pela equipe, mas não cessavam de entrar inimigos. Rapidamente o local foi se enchendo de atacantes que queriam a vingança pela matriarca morta. Os heróis eram uma pequena ilha em um mar de inimigos e a quantidade de cupendiepes só aumentava. Ataques por terra e pelo ar, não havia como escapar. Do lado de fora o tempo fechou extremamente rápido. Raios, vendaval e uma forte chuva transformaram a paisagem externa. A força do ar em movimento dificultou muito o voo e um raio atingiu o altar. O barulho e o deslocamento de ar foram tão fortes que todos no ambiente foram ao chão e de pé sobre o local da descarga elétrica estava um ser extremamente branco com listras negras, de pé, segurando um grande machado duplo de cor prateada com uma face forjada no cabo entre as enormes lâminas e que se mexia. A cauda balançava no ar e os grandes olhos amarelos felinos observavam friamente o ambiente. Com um movimento extremamente rápido ele lançou a arma que ao sair de mão do lançador gritou “Abaixem-se!” e como um raio cortou todos os inimigos ao

meio e retornou para o felino. Com um único salto ele ganhou o ar e aterrizou dentre os membros da trupe ainda caídos que o olhavam sem piscar.

Os inimigos continuavam a entrar no ambiente que encheu rapidamente. O homem-tigre lançou mais uma vez o machado duplo que realizou a volta completa no ambiente e tomou o corredor de onde os inimigos advinham. Depois de alguns minutos retornou ao local e foi apanhado pelo homem-tigre branco que sorriu para Lokô mostrando as enormes presas pontiagudas. Quando os membros da trupe se levantaram notaram que o ser possuía bem mais de dois metros de altura e a largura de dois homens. As garras eram gigantes e como as dos felinos normais podiam ser escondidas. Soró se ajoelhou, mas o ser a ignorou e apanhou a criança no colo e falou.

- Meu antigo amigo, como é bom te rever!

Lokô sorriu e se entreolharam longamente.

- Entendo, respondeu o ser. Pena que o novo integrante durou tão pouco tempo na equipe.

O Grupo olhou ao redor e reparou que Mato Rasteiro estava gravemente ferido e correram para o acudir. A criança olhou novamente para o homem-tigre que respondeu.

- Não posso interferir pois é chegada a hora dele. O grande cavalheiro que vive no fundo do oceano virá buscá-lo e com ele não há negociação, ou quase.

Após o término da frase Mato morreu.

- Meu Senhor – falou Soró com a cabeça baixa – Como faremos agora? Ele era nosso guia.

O ser a olhou, virou-se para Lokô, assentiu com a cabeça e então respondeu.

- Quanto mais interferimos maior será a chance de fracasso da busca que fazem, mas há momentos em que se não o fizermos o fracasso será bem rápido. É uma

balança onde devem ser dosadas, medidas e calculadas cada intervenção. No futuro de vocês vejo uma espessa neblina que não me permite visualizar com nitidez a exatidão do que deve ser feito. A cada passo dado o caminho muda. Mas vejo uma saída, uma única saída para esse problema. Lembros-lhes de que não sei o desfecho desse ato. Vocês devem ir para o sul, muito ao sul. Lá há um grande rio, muito grande, onde vive uma criança negra como Lokô. Ela os guiará. É tudo que posso dizer.

- O Rio da Prata? Perguntou Francisco.

E o ser assentiu, olhou para Lokô e respondeu.

- Meu pequenino e antigo amigo, há algumas coisas que se realizadas mudarão completamente o mundo que vivemos e essa missão de vocês é uma delas. Nesse caso Aquele que é Grande guarda para Si os desfechos e por isso não conseguimos visualizar com clareza, mas podemos através de pequenos e calculados passos navegar com alguma segurança até o objetivo final. Isso não significa que obterão sucesso, mas é a melhor chance que possuem. Agora vão pois o ambiente ainda não é seguro. Viagem até o cair da noite e somente quando essa estiver bastante avançada parem para descansar.

O ser colocou Lokô no chão, virou-se e com um único salto alcançou o altar. Um raio caiu novamente sobre o local que estava e ele desapareceu. Manuel que passou o tempo todo em silêncio falou.

- Vamos.

O grupo se dirigiu para porta após sepultar o índio com pedras. Tomaram o caminho que a equipe de resgate tinham entrado. Andavam rápido apesar do cansaço. No alto da caverna, na borda da abertura um ser alado observou tudo que havia acontecido. A tempestade se foi tão rápido como chegou. O ser alado abriu as asas e ganhou o céu.